

Será que a filantropia africana pode apoiar o trabalho pós-ajuda de responsabilização social?

Alan Fowler, professor honorário da filantropia africana, Wits Business School, Joanesburgo

Neste blog, [Alan Fowler, o professor honorário da filantropia africana, Wits Business School, Joanesburgo](#), reflecte sobre a luta pela sustentabilidade financeira que enfrentam as ONGs e OSCs, em parte devido à incerteza em torno do financiamento externo da ajuda, e pergunta se poderia a filantropia africana preencher a lacuna ao apoiar as organizações? O Alan se baseia na sua apresentação feita [ao encontro internacional em Maputo na semana passada, organizado pelo Programa CEP](#).

A maioria das pessoas reconheceria que as OSCs, que tratam de permitir e apoiar melhorias no desenvolvimento, precisassem de ser financeiramente sustentáveis além da ajuda beneficiada actualmente. No entanto, em África, a vulnerabilidade económica das OSCs é a regra. O fosso entre a realidade e a retórica é [estrutural e persistente](#), conduzindo a exigências concertadas (por exemplo de [Civicus](#)) de mudanças significativas no comportamento de dadores e de alterações às regras do jogo que trata como subcontratantes as OSCs do sul. Esta situação desenrola na prestação de serviços sociais e nas dimensões menos tangíveis do desenvolvimento tais como este projecto; neste caso o projecto trata de potenciar a responsabilização social em Moçambique, com aprendizagens mais aplicáveis noutros locais. A história nos ensina que a sustentabilidade das OSCs poderia ser um ‘Santo Graal’, então de que modo pode mobilizar o continente os recursos e a energia necessários para incorporar a responsabilização social na vida da gente, a longo prazo?

Onde é que é preciso a capacidade da responsabilização social?

Dentro da comunidade de desenvolvimento, existe uma confusão entre as OSCs e a população em geral. Este ‘erro de identidade’ levanta desde a estrutura do dia-a-dia o que o sistema da ajuda pode ver e financiar: as associações locais/cívicas (ACs), bases do funcionamento social de África.

Muitas vezes, organizações baseadas na comunidade (OBCs) oferecem a visibilidade com raízes nas ACs, enquanto as ONGs financiadas estão em jogo dentro de sociedades africanas, dependente de incertezas na rede de ajuda. A capacidade de [influenciar a política e a democracia](#) varia entre os tipos distintos de OSCs, concluíram estudos produzidos pelo Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento de Cidadão, no Instituto de Estudos de Desenvolvimento (IDS).

Na nossa amostra, encontramos uma presença muito forte de associações, sobretudo nos contextos menos democráticos. Por sua vez, aquelas associações desempenham papéis importantes através de cada um dos resultados analisados – a construção de cidadania, a melhoria de práticas de participação, o fortalecimento de responsabilização social e a contribuição para a coesão social. Contrariamente à opinião predominante, naqueles contextos menos democráticos, esta evidência recomenda metodologias que fortaleceriam a democracia e o desenvolvimento, e reconheceriam e apoiariam o papel de associações como intervenientes principais no processo.

A evidência indica que as associações são localizações críticas, orgânicas e não assistidas; a permanência das melhorias em responsabilização social depende daquelas associações. Relativamente à sustentabilidade, pode ser enganador pensar que as OBCs e ONGs precisem de melhorar a sua capacidade de implementar projectos. Tal erro poderia desviar a atenção doutros domínios diversos de desenvolvimento de capacidades, em várias OSCs.

O que precisa de ser mobilizado?

A sustentabilidade de melhorias no desenvolvimento vai se manter ou cair com a energia cívica; aquela energia cívica avança alterações e mobiliza os recursos adicionais e necessários. A energia cívica surge de motivos para agir e para utilizar a acção própria (quer seja individual ou colectiva) numa situação que pode permitir ou limitar influência. Para as pessoas envolvidas, a predisposição psicossocial para agir com o objectivo da responsabilização social é crítica (no sentido de Paulo Freire). A predisposição psicossocial para não agir também é crítica. Então, está em questão se as iniciativas financiadas poderiam estimular os motivos da gente, necessários para continuar o esforço. Esse tipo de capacidade é (muitas vezes) ignorado nas avaliações de projectos, mas é essencial, junto com indicadores 'preditivos' de mudanças em motivos. Um exemplo seria a replicação espontânea por comunidades desassociadas do projecto. e iniciativas de responsabilização social também desassociadas.

Além disso, as OSCs precisam de ser capaz de mobilizar recursos locais, inclusive relações, finanças, matérias, informações, tecnologias, crenças, o tempo da gente, e assim por diante. Cada tipo de OSCs pode ganhar uma mistura de competências por sustentar a responsabilização social como o resultado de desenvolvimento. Os métodos e os canais das ACs serão provavelmente informais, utilizando a confiança, redes de relações e outros canais de comunicação, valores e conformidades. Com relação às OBS, o financiamento reflecte as competências das ACs que se referem ao necessidade de ter acesso ao apoio oficial de governos, ONGs, e empresas locais cujas reputações estão ligados ao dia-a-dia dos seus clientes. De modo geral, as ONGs se concentram em encontrar o financiamento para pagar o seu pessoal, com maior ou menor dependência em voluntários. Normalmente, a capacidade de angariar fundos depende da qualidade, da reputação e da rede da liderança, (geralmente o director executivo em vez do conselho). Nestes casos, o domínio crescente da filantropia africana poderia se tornar numa fonte importante de mobilização de recursos domésticos, mas pode enfrentar o desafio da responsabilização social?

Pode a filantropia africana enfrentar o desafio de recursos da responsabilização social?

Como a origem da humanidade e o cresol da evolução de comportamentos pró-sociais, a pluralidade pós-colonial da [filantropia indígena](#) de África está emergendo. A evidência e a informação sobre o fenómeno e a suas práticas diversas são irregulares em todo o continente. As práticas que observamos são [horizontais e verticais](#). As práticas horizontais existem entre a gente de África, inclusive as doações pessoais, o voluntariado e o fluxo de diáspora. Além disso, as práticas verticais são relacionadas com indivíduos que possuem um elevado património líquido, o financiamento da responsabilidade social das empresas, assim como inovações em investimento social e fundações doadores que angariam fundos através da classe media de África e doutros. [Fundações de comunidade](#), por exemplo, ocupam espaços entre o vertical puro e o horizontal puro.

[Os estudos disponíveis](#) indicam que a filantropia africana financia a saúde e a educação em geral, e evita as iniciativas sensíveis politicamente. Além disso, há indicações de que os filantropos (principais) de África têm tendência para [ficar longes dos olhos do público](#), e preferem identificar os beneficiários (com alguns

[exemplos visíveis e notáveis](#)). Com essa posição, evitam ser inundadas por propostas. Enquanto o júri está a deliberar, inicialmente parece que a sustentabilidade de responsabilização social não possa depender do domínio crescente da filantropia vertical e africana. Uma via mais promissora para explorar parece ser a melhoria da capacidade de filantropia horizontal e o avanço da combinação de práticas verticais e horizontais.

Este blog foi traduzido para português [da versão original inglesa](#).